

“RESPONDENDO A PESQUISA DE JORGE JULGA E GIFT MTUKWA”

David Wesley, Professor de Estudos Interculturais, Seminário Nazareno Teológico, EUC/Canadá

Gift Mtukwa e Jorge Julca são Nazarenos eruditos de contextos diversos que abordam o tema comum da Cristologia e da Missão.

*Revisão*

A temática desses documentos é que nossa identidade é formada pela identidade do Jesus vivo e cruciforme. Como tal, fazemos tudo o que fazemos (especialmente a missão) “em nome do Senhor Jesus” (Col.3: 17). Esta é a base para todas as noções conceituais. A Cristologia descrita por ambos os autores inclui implicações desafiadoras individual e coletivamente enquanto vivemos na missão de Deus.

Mtukwa nos lembra que, como discípulos de Jesus, nós não iniciamos uma missão (ou construímos o reino), continuamos a viver na *missio Dei*, que Jesus começou. Com base em 1 Tessalonicenses 2, Mtukwa descreve uma vida cruciforme para os discípulos. Ele afirma que Paulo entendeu que proclamar a Jesus “que sofreu, morreu e ressuscitou da morte envolve o sofrimento por parte dos seguidores de Jesus”. Da mesma forma, Julca afirma: “O modelo missionário de Jesus está intimamente ligado à definição de sua pessoa. Ou seja, existe uma ligação inseparável entre sua identidade (quem é Jesus) e sua missão (como veio ao mundo e porquê)”. Para Julca, o responder à pergunta sobre quem é Jesus, é uma necessidade existencial e inescapável na vida de qualquer discípulo de Cristo, pois nos vincula com o Seu modelo de missão.

Comum em ambas pesquisas é uma Cristologia que forma a missão da igreja. Suas abordagens, no entanto, são distintas entre si. Mtukwa trabalha a partir de uma exegese de 1 Tess. 2:1-12 focando na natureza de Jesus e, sequencialmente, a natureza e os métodos dos

discípulos de Jesus que o seguiriam como aprendizes. Mtukwa enfatiza a vida moral do mensageiro e a auto abnegação do ministério de Jesus que inclui o sofrimento como modelo de missão. Os parceiros de diálogo de Mtukwa fora das escrituras são comentários notáveis e fontes que se conectam diretamente à perspectiva missionária de Paulo em I Tess. 2. Mtukwa nos dá uma perspectiva implícita desta Cristologia em seu contexto da África ao descrever as implicações de sua exegese. Na maior parte, todavia, suas fontes são britânicas e americanas.

Julca usa uma estrutura para missiologia que inclui a encarnação de Jesus, a Sua crucificação e morte, e a Sua ressurreição. Este artigo nos dá uma perspectiva da Cristologia através de uma lente latino-americana. Os principais parceiros de diálogo de Julca incluem teólogos e missiólogos Latino-Americanos. Julca descreve como elementos históricos e contextuais da América Latina formaram percepções de Jesus na arte, teologia e prática. Os elementos contextuais incluem a conquista da América Latina, Catolicismo Romano e marginalização.

Na seção do artigo de Julca referente à crucificação, ele compartilha a tese de Mtukwa. Julca afirma que as exigências da cruz de Cristo estão diretamente relacionadas ao chamado radical do discipulado cristão que inclui sacrifício, serviço e sofrimento. Citando Tozer, Julca afirma: “Deus oferece a vida, mas não uma vida melhorada. A vida que ele oferece é uma vida nova que nasceu da morte. É uma vida que é possível apenas pela cruz. Quem quiser possuí-la tem que assumir a cruz...”

Mtukwa e Julca, destacam a imagem desafiadora do discipulado cruciforme em seus contextos onde o ministério da prosperidade do evangelho e do auto engrandecimento é notável. Além disso, o colonialismo e a conquista são desafios comuns em ambos os contextos, que

continuam a fazer missões seguindo o caminho cruciforme de Jesus, que necessita de um testemunho autêntico.

### *Conclusão*

Eu abordo uma reflexão desses documentos reconhecendo a contribuição que ambos os autores fazem para uma discussão de missiologia na Igreja do Nazareno. Esta é uma discussão atual que é muito necessária. Sou grato pela erudição responsável que é a base desses documentos.

O contexto é vital para esta discussão da Cristologia. Toda teologia (e gostaria de adicionar missiologia) é, em última instância, contextual. Uma robusta, teologia Wesleyana (e missiologia) ocorre à medida que as diversas vozes teológicas da igreja são ouvidas e como cada parte interligada expressa teologia recriada em seu próprio contexto.

Houve uma mudança significativa na fé cristã, incluindo a Igreja do Nazareno, durante o último século que inclui o movimento demográfico de centros históricos na Europa e na América do Norte. Todas as indicações são de que esse movimento em direção ao mundo majoritário continuará com grandes implicações para a Igreja do Nazareno. Durante muitos anos, o objetivo da missão orientadora tem sido que a igreja se torne autossustentável, auto propagada e autônoma. Missiologistas, como Paul Heibert, defenderam que uma quarta parcela deva-se a auto-teologia. Eu apontei que desenvolver uma teologia deve incluir também a missiologia própria (contextual). À medida que a Igreja continua a crescer no mundo da maioria, isto torna-se uma necessidade crescente para todos nós. Sem perspectivas contextuais, a Igreja do Nazareno não será mais do que um modelo ocidental de uma igreja colonialista.

Mtukwa e Julca são nazarenos eruditos excepcionais que são bem versados na teologia contextual africana e latino-americana. Eles trazem uma perspectiva única de teologia que

fortalece todos nós e faz da nossa teologia Wesleyana uma fé bíblica e histórica expressada a partir de uma variedade de contextos. Esta discussão teria sido ainda mais forte se Mtukwa tivesse contextualizado o diálogo com teólogos africanos como Mbiti, Pobe, Nyamiti e muitos outros com os quais ele conhece melhor do que eu, que expressam uma Cristologia africana. Como essa visão afeta nossa tarefa hermenêutica e como entendemos nosso papel histórico/teológico, pois é interpretado em novos lugares? Esta é talvez uma das questões mais importantes que temos diante de nós como uma denominação.

Um segundo e igualmente importante ponto de conclusão está relacionado às implicações missiológicas desses trabalhos. Mtukwa e Julca nos deram um desafio acentuado que é vital em nosso contexto global atual em que a estratégia da missão é muitas vezes conduzida por práticas gerenciais e crescimento da igreja. A descrição cruciforme nas escrituras que é expressa por ambos os autores levanta questões importantes para os missionários em um mundo onde o futuro das missões será para os lugares mais complexos e perigosos do globo. Esses lugares não são apenas definidos por fronteiras geopolíticas, mas sim um movimento junto aos pequeninos e aos perdidos onde há pouca ou nenhuma testemunha do evangelho.

Uma perspectiva cruciforme ecoa o que vemos em alguns missionários, mas é digno de uma pesquisa mais ampla e discussão que afeta nossas práticas futuras para todas as missões. Eu acrescentaria que este modelo encarnacional de discipulado cruciforme é assustador para aqueles que se acostumaram a modelos de “turismo voluntário” a curto prazo. Se, contudo, vivemos na história de Deus que estes autores indicaram, não podemos deixar de seguir Jesus que está nos atraindo para Sua missão.